

## “Ko’ox mami!” (vamos, vovó!): ocupação maya da “cidade branca”.

“Ko’ox mami!” (*Come on, grandma!*): Mayan occupation of the “white city”.

Marcos H. B. Ferreira

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/13832>

DOI: [10.4000/pontourbe.13832](https://doi.org/10.4000/pontourbe.13832)

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

### Referência eletrónica

Marcos H. B. Ferreira, «“Ko’ox mami!” (vamos, vovó!): ocupação maya da “cidade branca”.», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 20 janeiro 2023, consultado o 22 janeiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/13832> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.13832>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 janeiro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

---

# “Ko’ox mami!” (vamos, vovó!): ocupação maya da “cidade branca”.

“Ko’ox mami!” (*Come on, grandma!*): *Mayan occupation of the “white city”.*

Marcos H. B. Ferreira

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 18/11/2022 / Original Version 18/11/2022

Aceitação / Accepted 18/12/2022

## Introdução

- 1 Entre janeiro de 2018 e fevereiro de 2019, realizei entrevistas com mayas residentes em Mérida a respeito de suas histórias de vida, com ênfase em atividades de trabalho e moradia. A partir dessas histórias, penso alguns processos de transformação no espaço urbano de Mérida tal como foram experienciados pela população maya residente na cidade. E tento identificar os fenômenos de segregação espacial enfrentados por esta população no decorrer desses processos.
- 2 Eu me baseei na noção de *taskscape*, de Tim Ingold, que trata as paisagens como registro de vidas, com ênfase nas práticas sociais que as produzem cotidianamente. Também me baseei na noção de “circuito”, de José Guilherme Magnani, que designa “um uso do espaço e dos equipamentos urbanos que possibilita o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos, porém [...] sem se ater à contiguidade” (Magnani; Andrade, 2013, p. 48). Com esse referencial, pensando a partir das práticas cotidianas de morar, trabalhar e mover-se na cidade, analiso a produção das fronteiras urbanas e a forma como elas se relacionam com a questão da etnicidade.
- 3 Para isso, tento compreender de que maneira essas atividades práticas se relacionam com significados culturais construídos ao longo da história de Mérida e da região de

Yucatán. Estes dizem respeito principalmente aos estigmas e preconceitos produzidos pelo racismo dirigido aos mayas ao longo de séculos de exploração e exclusão.

- 4 Meu objetivo é compreender como o racismo impingido aos mayas influencia a produção do espaço da cidade, refletindo-se inclusive na maneira como o espaço de Mérida se organiza, por meio da geração de “padrões de segregação” (Caldeira, 2011). Também procuro compreender a maneira como os mayas lidam com isso, tanto no que se refere aos significados construídos diante da exclusão, quanto em relação às mobilizações identitárias produzidas recentemente.

## Primeira aproximação a Mérida

- 5 Mérida foi construída sobre uma antiga cidade maya chamada Th’ó. Todas as pirâmides de Th’ó foram demolidas pelos espanhóis quando da invasão. As pedras que tinham sido usadas pelos mayas na construção de sua cidade foram depois reutilizadas pelos espanhóis no erguimento de uma grande muralha em torno de Mérida, que seria apelidada de “Cidade Branca”. Ainda hoje esse apelido é utilizado como *slogan* pela prefeitura da cidade.



Imagem: *Slogan* da prefeitura da cidade. Foto: Marcos Ferreira, 2018.

- 6 Do lado de dentro das muralhas, residiam os espanhóis; do lado de fora, estavam os “bairros de índios”. A construção de Mérida representou, portanto, a consolidação da invasão espanhola sobre a Península de Yucatán, liderada por Francisco de Montejo e seu filho, os fundadores da cidade. A antiga cidade maya, Th’ó, que foi totalmente destruída, é considerada hoje, por alguns arqueólogos, como uma das principais “capitais regionais” de sua época, ao lado de Chichén Itzá e Uxmal, atualmente os principais sítios arqueológicos da região (Ligorred Perramon, 1998, p. 09).

- 7 Ao longo de séculos, Mérida, a capital de Yucatán, construiu um lugar predominante na dinâmica política e econômica do estado e da região sudeste do México. Com as cidades turísticas do estado vizinho de Quintana Roo, Cancún e Playa del Carmen, constitui um dos polos de atração de migrantes do interior do estado e de outros lugares do país, razão pela qual viu sua população multiplicar nas três últimas décadas.
- 8 Suas principais atividades atualmente são o comércio, a indústria manufatureira e o setor de serviços (INEGI, 2015). Observando-se o cotidiano da cidade, fica muito evidente a importância das atividades relacionadas ao turismo e à construção civil.
- 9 Atualmente, cerca de 892.363 pessoas residem em Mérida. No censo de 2015, quando o Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI/México) usou pela primeira vez o critério de autoidentificação, 48,25% da população de Mérida autodeclarou-se indígena. Apesar de existirem outras etnias, por conta de processos migratórios diversos, a população indígena da cidade é predominantemente maya. No momento que os colonizadores espanhóis chegaram, os mayas ocupavam toda a região da Península de Yucatán.
- 10 Os mayas residem hoje predominantemente nos bairros do sul de Mérida, que são as regiões mais estigmatizadas da cidade, representadas como áreas precárias, perigosas e violentas. Uma representação presente no imaginário social, mas que contrasta com a opinião dos residentes nesta região. A população branca de Mérida reside principalmente nos bairros do norte da cidade, considerados como “áreas nobres”.

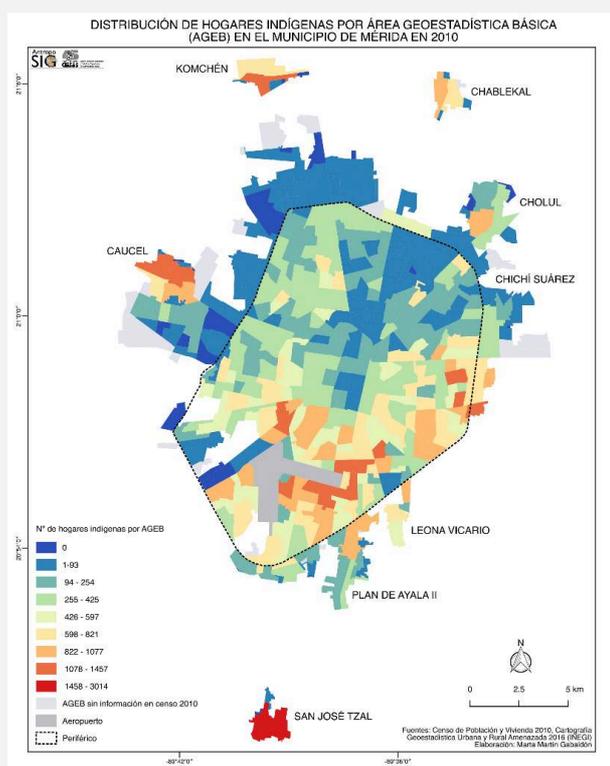


Imagem 01 – Distribuição espacial da população indígena em Mérida com base em dados de INEGI, 2010.

- 11 Conforme observado no mapa, percebe-se, no caso de Mérida, um padrão de segregação que combina a distinção “norte e sul” com a distinção “centro e periferias”. Junto a isso, existem outros padrões que precisam ser melhor investigados, como o caso das

ilhas de segregação no norte, na região de Chuburna, por exemplo, onde pequenas concentrações de população maya e de baixa renda estão contornadas por uma população não indígena mais numerosa, de média e alta renda. Há também a distinção entre cidade e *comisarías*, localidades com fortíssima presença indígena situadas fora do Anel Periférico, uma via que circula todo o perímetro urbano de Mérida, representada pela linha pontilhada.

## Os mayas em Mérida e em Yucatán

- 12 Existe uma extensa e valiosa bibliografia sobre os mayas no estado ou na península de Yucatán, tanto na área de antropologia quanto nas de história e arqueologia. Os trabalhos sobre mayas na cidade de Mérida, no entanto, são muito menos numerosos, embora exista uma forte tradição de estudos antropológicos sobre indígenas em contextos urbanos em outras cidades do México.
- 13 Entre os trabalhos sobre os mayas de Yucatán – do estado ou da Península –, os estudos clássicos de Robert Redfield sobre a ideia de *continuum folk-urbano* e suas etnografias em parceria com Villa Rojas acerca das mudanças sociais em uma comunidade maya do interior do estado certamente se destacam como os mais comentados. Em termos gerais, esses estudos apontam para o fato de que as comunidades indígenas daquele momento se identificavam cada vez mais em termos de “classe social” e cada vez menos em termos de etnia, já que faziam uma escolha por integrar-se no processo de transformação que Redfield chamou de “progresso”. Hoje sabemos que uma coisa não exclui a outra, muito pelo contrário, conforme tentarei demonstrar.
- 14 O trabalho do renomado antropólogo mexicano Guillermo Bonfil, outro integrante da galeria de estudos clássicos sobre o tema, também chama atenção para processos de “aculturação” entre os mayas de Sudzal, município de Yucatán que se dedicava à economia *henequenera*. Lá também, segundo o autor, os indígenas, que em Yucatán já eram chamados de *mestizos*, estariam “deixando de ser” indígenas, para se transformarem cada vez mais em camponeses (Bonfil, 2006, p. 193 apud Llanes Salazar, 2018, p. 266).
- 15 Em outra linha de análise, o trabalho do antropólogo estadunidense Quetzil Castañeda se dedicou a compreender a maneira como os mayas peninsulares se relacionam com o Estado e os efeitos disso sobre suas formas de mobilização e autorreconhecimento étnico. Para esse autor, o Estado não é apenas um “mecanismo repressivo ou impositivo”, mas possui também um caráter “produtivo” (Castañeda, 2004, p. 42). Assim, ainda segundo esse autor, a etnicidade não seria apenas uma questão de relação entre classes ou hegemonia, mas uma questão de *governamentalidade*, adquirindo um caráter fortemente “estratégico”.
- 16 Entre a década de 1990 e os anos 2000, vários autores, com diferentes graus de proximidade ao argumento de Castañeda, concordavam quanto a inexistência de uma identidade étnica ou “consciência étnica” que aglutinaria os mayas no estado de Yucatán.
- 17 Entretanto, os trabalhos de Pedro Bracamonte y Soza (2005; 2007; 2013), por exemplo, marcados por um conhecimento profundo sobre a história de Yucatán e embasados em uma admirável pesquisa sistemática de documentos históricos de diferentes tipos, não deixam dúvidas de que a questão étnica, atravessada por uma forte distinção de classe, uma desigualdade social monstruosa e uma forte condição de opressão e exploração do

trabalho indígena, foi uma constante na história da Península, e possui um caráter estruturador da sociedade iucateque. A questão étnica está inclusive no cerne do conflito armado entre espanhóis e indígenas que marcou profundamente a história da Península, por seu grau de violência e por sua duração, e que ficou conhecido como “Guerra de Castas”.

- 18 Em que pese sua influência, não podemos considerar apenas aquele aspecto “estratégico” dos processos de reivindicação de identidade ao qual se referia Quetzil Castañeda. Na medida em que existem outros fatores igualmente importantes: o acesso à educação, à informação, e as referências provindas de experiências de diversos movimentos étnicos no México e ao redor do mundo, testemunhadas desde a década de 1990, principalmente.
- 19 Devemos também nos perguntar se há algum tipo de mobilização coletiva ou processo de reivindicação de identidade, de qualquer lugar do mundo, que aconteça de modo independente das relações com as esferas econômica e política, e das relações com o Estado. Por que apenas no caso das identidades indígenas essas relações e congruências são apontadas como “meramente estratégicas”? Esse argumento pode inclusive fortalecer discursos anti-indígenas que tentam deslegitimar reivindicações de direitos indígenas apontando nelas supostos interesses escusos ou oportunismo.
- 20 É fato observável que, nas últimas décadas, algo mudou no cenário político e social do estado, na maneira como os mayas se relacionam com sua identidade indígena, na vida cotidiana perante outros atores sociais e perante o Estado. Hoje em dia, é fácil encontrar jovens artistas, músicos, professores, trabalhadores do setor de turismo e organizações civis que, ao ressignificarem estereótipos sobre o que é ser maya, chamam atenção para a presença indígena tanto em Yucatán, quanto na cidade de Mérida e seu entorno. Essa presença sempre existiu de maneira incontestada, mas foi invisibilizada por meio do preconceito e da exclusão, o que obviamente não significa que a identidade étnica maya não existia anteriormente, mas apenas que ela não podia expressar-se livremente perante outros grupos sociais.

## Etnicidades em contexto urbano

- 21 Entre os estudos sobre mayas em contexto urbano, na cidade de Mérida, existem trabalhos valiosos que tematizam sejam os processos de migração a partir da zona rural, ou dos *pueblos* de Yucatán, com a falência da economia *henequenera*<sup>1</sup> principalmente, sejam as desigualdades sociais e as relações mantidas entre *pueblos* (comunidades rurais) e cidade (Bracamonte y Sosa, 2005; 2013). Ou ainda as práticas culturais, condições de vida e a complexidade dos processos de mudança cultural vividos nas últimas décadas (Lizama Quijano, 2007; 2013). Existem grandes contribuições sobre as características dos bairros e regiões de moradia dos mayas em Mérida (Guzmán Medina, 2005; 2016). E inclusive uma pesquisa sobre mayas que tiveram um passado rural e pobre em alguma comunidade da Península, e que agora são profissionais pertencentes à classe média de Mérida (Santillán, 2011). Mas esses trabalhos, apesar da relevância, não necessariamente contêm uma teorização profunda das relações entre etnicidade, espacialidades e segregação urbana.
- 22 Com suas contribuições importantes nos estudos da presença indígena em centros urbanos regionais (Mérida, em Yucatán; Cancún, em Quintana Roo; San Cristóbal de las Casas, no estado de Chiapas), Alícia Castellanos Guerrero (2001; 2003) nos brinda com

reflexões extremamente ricas sobre o racismo no México, pensadas a partir das histórias de cada contexto regional, com foco sobre a influência das elites locais e das ideologias que produzem a respeito dos indígenas em cada um desses contextos.

- 23 Também Eugenia Iturriaga (2011), em sua tese de doutorado, discute o racismo das elites de Mérida e o forte elitismo construído ao longo de séculos de história, traduzidos em hábitos e comportamentos segregadores que atingem a população de ascendência indígena na forma de forte exclusão, tanto social quanto espacial. Seu foco recai, no entanto, sobre os espaços de convívio das elites, e, nesse sentido, mesmo indicando relações importantes, não aborda diretamente os circuitos construídos pelos mayas na cidade.
- 24 Há um aspecto recorrente na maioria desses trabalhos, e que será tomado aqui como ponto de partida, a saber, os mayas estão presentes desde a fundação de Mérida, mas são considerados até hoje como migrantes, ou como “rurais”. Essa ideia está fundada na concepção de que os mayas estão nos *pueblos* e não na cidade, uma concepção com a qual me deparei em vários momentos da pesquisa. Essa oposição entre “rural indígena” (tradicional) e “urbano branco” (moderno) é certamente muito antiga e imperava quando Redfield construiu a mencionada teoria sobre o *continuum folk-urbano*. Nela, imaginava uma linha gradual, com dois polos, que ligava uma comunidade da selva maya ao sul da Península, passando por um *pueblo* de Yucatán até chegar em Mérida. Como se rural e urbano existissem separados, cada um em um lugar, e nunca combinados entre si, convivendo em um mesmo contexto. Hoje, pelo menos, como veremos, eles podem coexistir em vários momentos e de várias maneiras. Por isso, o termo “contexto urbano” não exclui a presença de elementos de um “contexto rural”, e vice-versa.
- 25 A antropóloga mexicana Alicia Castellanos Guerrero (2001, pp. 172-3, tradução nossa) nos lembra que
- os processos de dominação colonial e neocolonial relegaram comunidades e *pueblos* às áreas rurais e, em muitos casos, às regiões mais inóspitas. O direito à cidade foi reservado para *criollos* e mestiços [...]. Os mitos de fundação das cidades *criollo*-mestiças em regiões com populações indígenas e que são a sede do poder das elites políticas e econômicas são um indicador da proximidade e da distância do Outro. As identidades regionais são configuradas de acordo com esse substrato histórico e são inclusivas e/ou excludentes das populações indígenas em sentido distinto, fomentando em alguns casos uma luta constante entre o universalismo impulsionado pelo poder central e o diferencialismo das regiões.
- 26 Esse estado de invisibilização que paira sobre os mayas ainda hoje em Mérida é parte de uma tentativa de distinção, de marcação das diferenças e de separação dessas diferenças no espaço que surge por iniciativa das elites regionais, através de ideologias racistas, difundindo-se por vários canais e impregnando a vida cidadina em vários âmbitos. Essas ideologias se expressam de distintas maneiras, sendo uma delas a própria organização do espaço da cidade, que se torna, portanto, uma divisão atravessada por referenciais de raça e etnia. As identidades individuais e coletivas se estruturam a partir desse substrato, por isso, “negar a presença” também significa muitas vezes delimitar espaços e demarcar distâncias, tanto simbólicas quanto espaciais.
- 27 Uma sociedade estruturada sobre ideologias racistas também produzirá, é claro, espaços de racismo. Infelizmente, a escola, que poderia ser um espaço propício para experiências de interculturalidade, tem sido, ao contrário, um dos espaços em que os

mayas são frequentemente vítimas da violência simbólica da parte de outros grupos identitários. Esse fato, que também foi apontado por Santillán (2011, p. 148), pode ser percebido nesse trecho da entrevista com Skimo:

- *Una vez me acuerdo que, no sé si fue discriminación, pero a mí, por hablar en maya, a mí me dijeron “pata rajada” ... “Ah, es un pata rajada”, es lo que te dicen, “un indio”, lo más bajo, se puede decir, así dicen, “pata rajada”, pues yo así como que, no me molestó, pero verlo así es como una discriminación.*

- *¿Dónde estabas?*

- *En la escuela.*

- *¿Y quién dijo eso?*

- *Un este, un este, me acuerdo que, un, este, una maestra, pero no me llevaba con ella, era de otro lado, pero yo estaba diciendo unas palabras en maya, y ya pensaban que yo era así de pueblo...*

- *Pata rajada. ¿Qué quiere decir eso?*

- *Aquí es como el indio, que trabaja la tierra, que sólo está allá, que no prospera... Es un indio, ellos quieren decir que los que trabajan la tierra, eres sucio. (Skimo [jul. 2018] Entrevista, Mérida).*

28 O espaço do trabalho também tem sido cenário frequente de experiências de discriminação e opressão aos mayas em Mérida. Segundo Castellanos Guerrero, o tempo das *haciendas de henequén* em Yucatán é história recente ainda, e, possivelmente, deixou marcas profundas nas relações entre os mayas e os não mayas em Mérida, cidade que foi “sede histórica da oligarquia e dos homens e mulheres brancas do poder” (Castellanos Guerrero, 2003, p. 124, tradução nossa).

29 Os mayas que trabalham em Mérida como pedreiros são constantemente descritos pelas elites brancas como alcoólatras, desorganizados, pouco higiênicos, pouco comprometidos com os horários, toscos e inaptos, mas que aceitam as remunerações mais baixas; e mesmo com todos esses depreciativos, continuam sendo os mais contratados. Eles também trabalham em condições desfavoráveis e sem segurança, por isso são muito comuns acidentes graves.<sup>2</sup>

30 Os espaços privados, onde se desempenham os trabalhos domésticos, também são espaços em que se manifestam várias formas de racismo:

Há mulheres em San Miguel Tecoch que, ao longo de sua história laboral, vivenciaram amargas experiências em trabalhos ao norte da cidade devido à desconfiança que lhes é dirigida: “andam te seguindo para que você não leve nada”, “te acusam de roubo para não te pagar” e “te colocam na cadeia”. (Castellanos Guerrero, 2003, p. 124, tradução nossa).

31

32 Também nos espaços de consumo existem situações de racismo, seja pela aparência física e estilo de vestimentas, seja pelos sobrenomes mayas. *Doña Blanca*, por vestir calças jeans, blusas simples e às vezes chinelos, já sofreu discriminação em estabelecimentos comerciais em várias situações. Os atendentes, ao vê-la, imaginam logo que ela não deve ter dinheiro para comprar e por isso ou não a atendem ou não a atendem bem. Também Gerardo Ek, apesar de ter se formado em Direito, trabalhar em um órgão federal e ter conseguido certo êxito econômico em Mérida, às vezes não é atendido quando solicita um serviço por telefone devido a seu sobrenome maya. Ele percebe que, por conta do sobrenome, as pessoas que o atendem muitas vezes simplesmente ignoram seu pedido, supondo que ele não é um cliente em potencial. A discriminação, nessas situações, ocorre na forma de uma associação direta entre

identidade maya e pobreza, fortemente presente no imaginário social racista construído ao longo da história de Yucatán.

- 33 Nos mercados públicos de Mérida é muito comum encontrar mulheres mayas com trajés típicos vendendo verduras trazidas dos *pueblos*. Algumas moram em *pueblos* próximos e fazem o trajeto *pueblo*-Mérida todos os dias. Esses espaços acabam sendo representados como lugares de presença maya, o que é reforçado pelo fato de que a venda de verduras é uma atividade relacionada ao mundo rural. Também é comum nesses espaços que os não mayas peçam descontos de forma bem mais insistente, visto que o/a vendedor/a é maya. Isso costuma irritar os vendedores por se tratar de uma postura de desvalorização do produto e ao mesmo tempo da pessoa que o vende.
- 34 As praças – que são chamadas de *parques* em Mérida – também constituem espaços de forte presença maya por vários motivos. De algumas dessas praças saem *vans* que fazem o transporte das pessoas entre os *pueblos* e a cidade. Outras estão próximas a espaços comerciais e de lazer muito frequentados pelos moradores dos bairros do sul de Mérida. Como muitas dessas praças estão no centro, para esses moradores, elas estão a meio caminho da casa para o trabalho, pois para ir de transporte coletivo, do sul (onde a maioria dos mayas reside) ao norte de Mérida (onde muitos deles trabalham), é necessário fazer uma parada no centro. Essas praças, portanto, constituem espaços de encontro e de descanso à sombra para as populações mayas de Mérida que vivem nos bairros da região sul, principalmente para os homens. Não é coincidência que uma dessas praças, localizada perto do mercado público, foi apelidada de *parque de los borrachitos* (praça dos bêbadozinhos), embora eu nunca tenha visto algum homem bebendo por ali, quando menos porque é proibido consumir bebidas alcoólicas em espaços públicos em Mérida.
- 35 A imprensa também é outro canal difusor de estereótipos e estigmas atribuídos aos mayas em Yucatán. Segundo Castellanos Guerrero (2003, p. 107), as notícias relacionadas a indígenas publicadas pelo jornal *Diario de Yucatán*, de grande circulação em Mérida, tratam geralmente de temas depreciativos. Quando noticiados, os bairros do sul de Mérida quase sempre são retratados como espaços de violência, desordem e conflito. Ademais, essa região de Mérida é chamada por esse veículo de *Sur Profundo*, termo cujo sentido pode remeter ao “tradicional”, mas também ao “atrasado”, “distante” e “diferente” – quase não urbano, portanto.
- 36 Além da formação de “espaços de racismo”, existe também, no caso de Mérida, uma organização e uma representação racista do espaço, que produzem uma cartografia imaginária desse espaço urbano fundada sobre critérios de raça e classe social. Esse é um dos fatores que contribui para a produção de uma ordem espacial excludente, especialmente porque é por meio dessa representação que se nega aos mayas sua própria presença e se delimita espaços exclusivos, que servem para marcar distâncias sociais entre os diversos grupos étnicos:
- As cidades, sejam elas capitais étnicas, polos turísticos ou enclaves étnicos regionais, estão divididas entre o norte e o sul, os de acima e os de baixo, os do centro e os das margens, aqueles na cidade e aqueles nos cinturões de pobreza, quando não são colocados nas vizinhanças. As pessoas humildes, dos *pueblos*, estão localizadas no sul da cidade, um espaço que é marginalizado e estigmatizado por um suposto nível alto de conflito social, e que, de acordo com a imprensa local, seria habitado por vândalos. (Castellanos Guerrero, 2003, pp. 86-7, nossa tradução).
- 37 Várias tentativas de distinção, de marcação das diferenças e separação dessas diferenças no espaço, surgem ao longo da história por iniciativa das elites regionais,

através de ideologias racistas, difundindo-se por vários canais e impregnando a vida cidadina em vários âmbitos. Essas ideologias se expressam de distintas maneiras, sendo uma delas a própria organização do espaço da cidade, que se torna, portanto, uma divisão atravessada por referenciais de raça e etnia. As identidades individuais e coletivas se estruturam a partir desse substrato, por isso, “negar a presença” também significa muitas vezes delimitar espaços e demarcar distâncias, tanto simbólicas quanto espaciais.

- 38 As categorias étnicas também são signos do racismo experienciado no cotidiano da cidade. Ao longo da história do México, a homogeneidade cultural foi associada, no imaginário social, à integração, unidade e harmonia social, enquanto a diversidade foi tomada como fragmentação e conflito (Castellanos Guerrero, 2003, p. 134). Por isso, em todo o México, a mestiçagem teve um sentido de “civilizar o indígena”, dentro de uma ideologia pretensamente unificadora, difundida pelas elites, cujos interesses são, paradoxalmente, diferenciadores e segregadores (Castellanos Guerrero, 2003, p. 133). No caso de Mérida e de Yucatán, a palavra *mestizo* parece tentar dissolver a identidade maya ou indígena em uma “mistura”, sempre parcial, já que o *mestizo* continua carregando o peso da discriminação por ser indígena.



Mulheres mayas, à esquerda de *huipil*, à direita de *terno*. Fototeca Pedro Guerra. (Retirado de Iturriaga, 2011, p.112).

- 39 No final do século 17, enquanto no restante do México a população era classificada em três grupos étnicos – brancos (ou espanhóis), índios e *mestizos* –, em Yucatán a elite fez questão de manter a distinção entre brancos e mayas (Santillán, 2011, p. 141). Com o passar dos séculos o termo “maya” foi substituído por “*mestizo*”, o que certamente representa uma tentativa de etnocídio, no sentido de dizer que “os mayas não existem mais”. No entanto, como dito anteriormente, o *mestizo* continua sofrendo preconceito por ser maya, sendo que esse sentido – o de que o *mestizo* em realidade continua sendo maya – permanece no plano do “não dito”, ou seja, na forma de um racismo velado. Todavia, tal racismo pode se expressar de forma ostensiva em situações específicas:

De acordo com as mulheres de classe média e alta que vivem ao norte dessa cidade, mestiço é um termo para os indígenas mayas, que são “grosseiros”, de “traços

muito rudes”, “supersticiosos e fechados”, “carentes de cultura”, “selvagens”, “gente não civilizada”, “atrasada”, “de entendimento lento”, “ignorantes”, “gente humilde”, “malandros”, “preguiçosos”, “acostumados à pobreza”. Os estereótipos positivos foram atribuídos às pessoas mais velhas, “de bom senso” e “muito honestas”, provavelmente porque elas estariam dispostas a aceitar condições de trabalho desfavoráveis e seriam menos contestadoras (Castellanos Guerrero, 2003, p. 105, tradução nossa).

- 40 Que os membros das elites meridianas utilizem trajes típicos dos mayas seja em festas e casamentos (caso do *terno* feminino e seus bordados superelaborados), seja para se sentirem mais confortáveis no calor de Yucatán (como no caso do *huipil*), isso não significa, imediatamente, interculturalidade. O mesmo vale para a presença abundante de palavras da língua maya no vocabulário das elites de Mérida (Castellanos Guerrero, 2003, p. 76), até porque os padrões utilizaram a língua maya na comunicação com seus trabalhadores explorados, e as mulheres mayas socializaram crianças brancas também nessa língua (Castellanos Guerrero, 2003, pp. 79; 80).
- 41 O racismo e a exclusão em relação aos mayas em Mérida assume, às vezes, um caráter paradoxal e ambíguo. Os mayas do passado são valorizados, especialmente pelo mercado do turismo, como um símbolo de orgulho regional, e atraem turistas para as zonas arqueológicas da Península onde estão antigas cidades mayas importantes como Chichen Itza e Uxmal. Os mayas do presente sofrem preconceito, são invisibilizados e tratados como *mestizos*, ocupam os empregos mal remunerados e sofrem diversas formas de discriminação no dia a dia. Os *huipiles* e *ternos*, elementos da cultura maya apropriados pelas elites regionais, quando utilizados pelos brancos são um símbolo de identidade regional, mas quando utilizados pelos próprios mayas são um elemento de diferenciação social, preconceito e exclusão.
- 42 Perguntar a alguém em Mérida se ele ou ela é indígena pode ser visto como algo extremamente ofensivo. Ao passo que perguntar se é *mestizo* pode ser um pouco menos ofensivo, mas ainda o é. Daí o surgimento de outras categorias étnicas em Yucatán, como é o caso do termo *mayero*, que designa a pessoa que fala a língua maya, embora também contenha um tom de ofensa “suave”, pois, na maioria das vezes, quem fala a língua maya também é, no fundo, indígena.<sup>3</sup>
- 43 As categorias étnicas em Yucatán constituem uma realidade complexa porque não são fixas, mas relativas, situacionais, e variam de uma região para outra (Llanes Salazar, 2018, pp. 264; 265). Diante disso, é importante notar a emergência recente de uma categoria que anuncia um novo momento na história dos processos identitários em Yucatán: os “mayas contemporâneos”.
- 44 O termo *mestizo*, usado para se referir aos mayas na Península, tenta encobrir sua identidade indígena, diluí-la ou enfraquecê-la, ao misturá-la com outras identidades, mesmo que nunca tenha conseguido realizá-lo de fato. Até porque existe um interesse das elites econômicas em manter o que há de indígena nessa categoria, porque esse é o caminho para se manter também algumas formas de opressão e exploração do trabalho. Rompendo com isso, as novas gerações de mayas de Mérida reivindicam sua identidade indígena definindo-se não como *mestizos*, mas como “mayas contemporâneos”, acionando discursos e práticas sociais com fortes referências às suas origens familiares e à história dos mayas de Yucatán.



*La Mestiza*, personagem criada pelo grafiteiro de origem maya Skimo, muito conhecida em Mérida, porque aparece com frequência nos muros da cidade, ao lado da expressão em maya e espanhol “*Ko’ox mami!*” (“vamos, vovó!”)<sup>4</sup>. Foto: Marcos Ferreira, 2018.

## Considerações Finais

- 45 A noção de circuito, definida por Magnani (2002, p 23 – 24), “descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial”. O circuito pode ser reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais e é possível identificar um circuito principal que engloba outros circuitos específicos. Os circuitos mayas em Mérida podem ser distinguidos em circuitos de consumo, de lazer e de trabalho, entre outros. Apenas nos trajetos e percursos que envolvem atividades de trabalho é que os circuitos mayas se estendem até a região norte de Mérida, onde reside a população não indígena de média e alta renda.
- 46 Nas palavras de Magnani (2002, p. 25), o circuito é uma categoria “capaz de dar conta de um regime de trocas e encontros no contexto mais amplo e diversificado da cidade (e até para fora dela)”. As praças de onde saem as *vans* que levam famílias de imigrantes para visitarem os parentes nos *pueblos*, aos finais de semana, são parte dos circuitos mayas de lazer. E as ruas do centro histórico comercial, próximas ao mercado municipal San Benito, onde a população que vive nos bairros do sul de Mérida chega, também de *van*, para fazer suas compras, ou para pegar outra *van*, no caminho de casa para o trabalho, são parte dos circuitos de consumo e de trabalho, que se entrecruzam.
- 47 As paisagens urbanas são produzidas ao longo de circuitos, a partir de uma série de práticas sociais específicas. Com o termo *taskscape*, Ingold (2000, p. 154) tenta dar ênfase

a estas atividades práticas produtoras de paisagens, realizadas pelos indivíduos ao longo de percursos e movimentos, no curso de suas vidas. Os elementos que compõem uma paisagem estão sempre sob contínua construção, nunca completos. As paisagens possuem em si o registro de histórias de vida e de envolvimento com o ambiente e seus habitantes, tanto humanos quanto não humanos.

- 48 Ingold lembra que, para a teoria da prática de Bourdieu, a cultura é gerada em contextos de experiência, nas atividades práticas da vida. O próprio conceito de *habitus*, de Bourdieu, designa um comportamento típico, expresso inclusive no corpo, que não provém de sistemas mentais ou representações, mas de atividades e tarefas realizadas cotidianamente (ver Ingold, 2000, p. 162). Sabemos que o *habitus*, enquanto comportamento típico, indica, além disso, pertencimento de classe, assim como as tarefas e atividades a ele relacionadas. Podemos inferir que as paisagens produzidas por essas atividades também indicam pertencimento de classe. Morar é uma dessas atividades.
- 49 As famosas casas mayas, por exemplo, feitas em formato circular e teto de palha, aproveitando materiais disponíveis na região, estão muito presentes nas paisagens dos *pueblos* de Yucatán. Mas apesar de estarem muito bem adaptadas ao clima e às características ambientais da península, sofreram um forte estigma ao longo da história, intituladas como “casas de índio” e “casas de pobre”. Por isso, quase desapareceram da paisagem urbana de Mérida, sendo demolidas por seus moradores para a construção de casas de tijolos, muito menos confortáveis, principalmente do ponto de vista térmico, considerando-se as altas temperaturas que predominam em Yucatán.
- 50 Essa foi uma maneira comum de se fugir do estigma. Ainda assim, algumas destas casas permaneceram no espaço urbano de Mérida, em uma posição de quase invisibilização (Ferreira; Rubin, 2023). São um registro da ocupação maya em Mérida e, como algumas delas estão presentes em bairros da região central, evidenciam um padrão de segregação da população maya que vai do centro em direção às periferias. Visto que, atualmente, a maior parte da população maya vive nos bairros periféricos do sul da cidade.
- 51 Este mesmo padrão de segregação, e a experiência de expulsão que ele designa, se repete nas experiências de seres não humanos, presentes na cosmologia maya, relatadas pelos participantes da pesquisa (Ferreira, 2020). Os aluxes, criaturas mitológicas, meio infantis, meio travessas, aparecem às vezes para incomodar os moradores dos bairros do Sul de Mérida, porque, na verdade, tiveram seus espaços invadidos. Espaços que antes eram mata, mas que foram transformados por conta da urbanização.
- 52 Na obra clássica sobre segregação espacial no Brasil, a antropóloga brasileira Teresa Pires Caldeira defendeu que as regras que organizam o espaço urbano são basicamente “padrões de diferenciação social e de separação, que revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade” (2011, p. 211).
- 53 O caso de Mérida ajuda a compreender outros casos, inclusive de cidades brasileiras e latino-americanas, onde discriminação étnica e segregação espacial encontram-se imbricadas. Interessa compreender e divulgar os elementos sobre os quais essas relações se fundam e se estabelecem, e as possibilidades de superação dessas relações, com base em experiências reais, conhecidas por meio da etnografia. Esse é um tema no

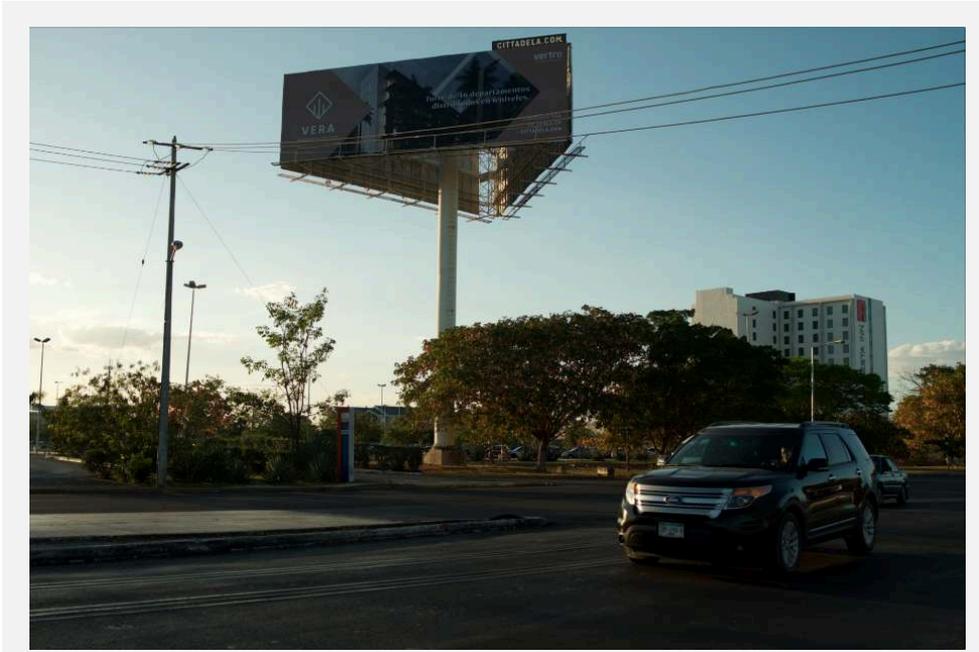
qual a antropologia urbana pode contribuir para a compreensão de grandes fenômenos que interferem diretamente na vida das pessoas.

- 54 A história regional e seus aspectos simbólicos fornecem pistas para a compreensão da influência das elites econômicas regionais e suas ideologias sobre a produção do espaço urbano das cidades. O espaço físico da cidade é um campo de expressão de desigualdades de classe, que estão coladas, por sua vez, a ideologias racistas. Por isso, os bairros onde se concentra a população indígena de Mérida são altamente estigmatizados segundo estereótipos racistas atribuídos aos indígenas em Yucatán. Estes bairros são conhecidos como “bairros pobres”; essa correspondência entre “indígena” e “pobre”, tal como operada pela ideologia dominante local, no contexto de um centro urbano regional, é a última expressão de uma mesma política assimilacionista e homogeneizadora, que tenta integrar os indígenas à sociedade nacional não como grupo étnico detentor pleno de direitos, mas como “pobres urbanos”, excluídos e explorados.
- 55 Em *Las estructuras sociales de la economía*, Bourdieu (2008, apud. Lezama, 2014) considera a mobilidade e a não mobilidade residencial de ricos e pobres como dependente da posse ou não de capital econômico e cultural. As inúmeras mudanças de local de moradia narradas pelos participantes da pesquisa, além de expressarem os esforços dos atores em adequar o valor dos aluguéis ao orçamento da família, fornecem um padrão da direção em que acontecem esses deslocamentos: do centro para as periferias.
- 56 Paris Pombo defende que a segregação espacial dos mayas em Mérida:  
 não é resultado de uma política urbana de caráter racista ou de uma espécie de *apartheid* [...] porém, a tendência à formação de guetos, ou mesmo de hiper-guetos (nos termos de Wiewiorka) resulta justamente desse “ambiente hostil” que se constrói com base no estigma. (Paris Pombo, 2003, p.176, tradução nossa).
- 57 A ideia de *gueto*, no entanto, muito frequente em trabalhos sobre conflitos étnicos raciais em cidades norte-americanas ou europeias, não consegue expressar os padrões de segregação das cidades latino-americanas, onde se observam formas complexas e pouco declaradas de racismo.
- 58 Além disso, a segregação espacial em um contexto de acentuada presença indígena, desigualdades sociais e racismo é, inevitavelmente, resultado de políticas urbanas racistas. Isso acontece por conta de uma articulação profunda entre os interesses econômicos envolvidos na produção do espaço urbano e a influência das elites regionais (com suas ideologias racistas) sobre a atuação do Estado. Essa articulação, no caso de Mérida, é muito antiga, e pode ser percebida, por exemplo, quando a crise econômica do *henequém* foi superada com investimentos na expansão do mercado imobiliário ao norte da cidade – fazendo com que a população branca que vivia no centro abandonasse seus casarões antigos e se mudasse para aquela região, produzindo ali espaços exclusivos e novas paisagens, muito diferentes das do centro e do sul, de forte presença indígena.
- 59 A ideia de *taskscape* proposta por Ingold pode ajudar a compreender a produção de desigualdades entre paisagens hegemônicas e paisagens marginais, que para mim estão no cerne dos fenômenos de segregação espacial urbana. Para isso, é necessário compreender de que maneira essas atividades práticas às quais se refere Ingold estão conectadas a atividades simbólicas e significados culturais produzidos historicamente, que constituem uma outra dimensão, equivalente e complementar, presente em toda atividade humana.

- 60 Dessa maneira, diminuiremos o risco de, ao tentar fugir das oposições dualistas como “mente e corpo”, “cultura e natureza”, “sujeito e objeto” – apropriadamente criticadas por Ingold –, cair em outras oposições, como atividade prática *versus* atividade simbólica; percepção do ambiente *versus* interpretação; produção *versus* imaginação etc.
- 61 A noção de paisagem, como um registro de práticas cotidianas que expressam desigualdades de classe social, tem muito a contribuir para os estudos sobre etnicidades e segregação espacial em contexto urbano. Especialmente se pensarmos em termos dos contrastes entre as paisagens hegemônicas (das chamadas “áreas nobres”) e as paisagens marginais (das áreas periféricas, estigmatizadas pelo imaginário social) dentro da cartografia imaginária produzida ao longo da história de uma cidade.
- 62 Para isso, é necessário compreender de que maneira as atividades práticas – morar, trabalhar e mover-se pelo espaço – estão atreladas a atividades simbólicas e a significados culturais construídos ao longo da história da cidade. Esses significados culturais, produtos das relações de poder entre grupos identitários locais, constituem uma outra dimensão, complementar à das práticas sociais. É necessário, portanto, compreender como práticas sociais e significados culturais participam da produção do ambiente urbano vivido e experienciado, com suas desigualdades e formas de segregação.



Paisagens da região sul, residencial, de forte presença maya, muito estigmatizada como área perigosa e violenta, separada do restante da cidade pelo muro do aeroporto. Foto: Sofia Castillo, 2018.



Paisagens da região norte, comercial e residencial, de forte presença da população branca de média e alta renda. Foto: Sofia Castillo, 2018.

---

## BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre; PEREIRA, Miguel Serras. *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia cabila*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2002

BRACAMONTE Y SOSA, Pedro. La península remodelada: los mayas y la movilidad espacial. In. LIZAMA QUIJANO, Jesús (org.), *Entre irse y quedarse... Estructura agraria y migraciones internas en la Península de Yucatán*, Editorial Letra Antigua, Mérida, 2013.

BRACAMONTE Y SOSA, Pedro. Los solares urbanos de Mérida y la propiedad territorial indígena en el Yucatán Colonial. In. YANES, Pablo; MOLINA, Virginia; GONZÁLEZ, Oscar. *Urbi indiano: la larga marcha a la ciudad diversa*. México, D. F., 2005.

BRACAMONTE Y SOSA, Pedro. *Una deuda histórica: ensayo sobre las condiciones de pobreza secular entre los mayas de Yucatán*. México, D. F.: CIESAS, 2007.

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de muros*. São Paulo: Editora 34, 2011.

CASTAÑEDA, Quetzil E. “We are not indigenous!”: An Introduction to the Maya Identity of Yucatán. *Journal of Latin American Anthropology*, v. 9, n. 1, p. 36-63, 2004.

CASTELLANOS GUERRERO, Alicia. *Imágenes del racismo en México*. México, UAM y Plaza y Valdés, p. 35-142, 2003.

CASTELLANOS GUERRERO, Alicia. Notas para estudiar el racismo hacia los indios de México. *Papeles de población*, v. 7, n. 28, p. 165-179, 2001.

- CENSO, INEGI. Instituto Nacional de Geografía y Estadística. 2015.
- FERREIRA, Marcos Henrique Barbosa. Etno-cidade: mayas em Mérida hoje. Tese de Doutorado em Antropologia social. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- FERREIRA, Marcos H. B.; RUBIN, Julio Cezar Rubin de. Casas mayas en Mérida, Yucatán. *Revista Península, México*, v. 18, n. 01, p. 97-114, 2023
- GARCÍA GIL, G., OLIVA PEÑA, Y.; ORTIZ PECH, R. Distribución espacial de la marginación urbana en la ciudad de Mérida, Yucatán. México. *Geografía Humana* 77, 89-106, 2012.
- HARVEY, David. O Direito à cidade. In. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. 2014.
- HARVEY, David. *A Produção Capitalista Do Espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. Espaços e Tempos Individuais na Vida Social. In. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola. 2011.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skills*. London and New York: Routledge, 2000.
- ITURRIAGA, Eugenia. *Las élites de la ciudad blanca: racismo, prácticas y discriminación étnica en Mérida, Yucatán*. Tesis de doctorado en el Instituto de Investigaciones Antropológicas. México: FFyL-UNAM, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- LEZAMA, José Luis. *Teoría social, espacio y ciudad*. El Colegio de México, 2014.
- LIGORRED PERRAMON, Josep. *T'Ho, la Mérida ancestral*. Dirección de Desarrollo Urbano. Ayuntamiento de Mérida. Mérida, México, 1998.
- LIZAMA QUIJANO, Jesús (org.). *Entre irse y quedarse...: estructura agraria y migraciones internas en la península de Yucatán*. Mérida: Letra Antigua, 2013.
- LIZAMA QUIJANO, Jesús. *Estar en el mundo: procesos culturales, estrategias económicas y dinámicas identitarias entre los mayas yucatecos*. CIESAS, 2007.
- LLANES SALAZAR, Rodrigo. "Etnicidad maya en Yucatán: balances y nuevas rutas de investigación." *Estudios de cultura maya* 51: 257-282, 2018.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. As cidades de Tristes Trópicos. *Revista de Antropologia* Vol. 42, n.1-2. São Paulo, 1999.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 17, p. 11-29, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; ANDRADE, José Agnello Alves Dias de. Uma experiência de etnologia urbana: a presença indígena em cidades da Amazônia. In. AMOROSO, M.; DOS SANTOS, G. M. *Paisagens Ameríndias. Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- MEDINA, María Guadalupe Violeta Guzmán. *Una nueva mirada hacia los mayas de Yucatán: identidad, cultura y poder*. Mérida, Yucatán: UADY, 2005.
- TORRES PÉREZ, María Helena. *Casa Maya en Yucatán: vigencia y transformaciones contemporáneas de la vivienda vernácula y un modo de vida*. In. ÁLVAREZ VALLEJO, A.; DE HOYOS MARTÍNEZ, J. H.;

JIMÉNEZ JIMENEZ, J. de J. (orgs.). *Habitar, la vivienda*. México, D.F.: Universidad Autónoma del Estado de México, Facultad de Arquitectura y Diseño, 2016.

PARIS POMBO, Dolores. Discriminación laboral y segregación espacial en ciudades del sureste mexicano. In: CASTELLANOS GUERRERO, Alicia. *Imágenes del racismo en México*. México, UAM: Plaza y Valdés, p. 35-142, 2003.

REDFIELD, Robert. Race and class in Yucatan. In *Cooperation in Research*. Washington: Carnegie Institute, Publication 501, pp. 511-532, 1938.

REYES, Guadalupe. *Carnaval en Mérida: fiesta, espectáculo y ritual*. Conacultura, INAH, Colección Obra Varia, 2003.

SÁNCHEZ SUÁREZ, Aurelio (org.). *Xa’anil naj: la gran casa de los mayas*. Mérida, Yucatán: Ediciones de la Universidad Autónoma de Yucatán, 2018.

Santillán, Ricardo López. *Etnicidad y clase media: los profesionistas mayas residentes en Mérida*. Mérida, Yucatán: Univ. Nacional Autónoma de México, Centro Peninsular en Humanidades y Ciencias Sociales, 2011.

SENA, Custódia Selma. *Uma narrativa mítica do sertão*. Avá. N. 17, 2011.

## NOTAS

1. O henequém (*Agave fourcroydes*) é uma planta nativa do sul do México e Guatemala, que foi muito utilizada até meados do século 20 para a extração de uma fibra natural usada principalmente na navegação. Nessa época, a exploração do henequém trouxe muito êxito econômico para as elites rurais de Yucatán.

2. Como atestam dois senhores, moradores da Colonia Emiliano Zapata, que trabalham como pedreiros: Don Polo quase quebrou a coluna quando o teto da casa que estava construindo caiu sobre ele, e seu irmão quase perdeu o pé ao cair de um andaime. Ambos trabalhavam sozinhos (sem ajudantes, o que diminui o valor do serviço, mas aumenta os riscos de acidentes) no momento do acidente, e não possuíam nenhum equipamento de segurança.

3. Quando eu perguntei à Doña Blanca se sua mãe era *mayera*, expressão que eu aprendi com uma pesquisadora em Mérida, Doña Blanca me corrigiu dizendo: “não, ela não fala a língua. Minha avó falava”. Perguntar se alguém “fala maya” é de fato muito melhor que perguntar se “é *mayera*”, e foi assim que passei a me expressar ao longo da pesquisa.

4. Há o costume de se chamar a avó de *mami*, em Yucatán. Embora o termo *mami* se refira a *mamá*, que vem de *madre*, ou mãe, em espanhol.

---

## RESUMOS

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado em antropologia, defendida em 2020, com base em uma etnografia realizada em Mérida, capital do estado mexicano de Yucatán. Partindo da noção de “*taskscape*”, de Tim Ingold, e da noção de “circuito”, de Magnani, penso a produção das fronteiras urbanas e a forma como elas se relacionam com a questão da etnicidade. Meu foco é

sobre as práticas cotidianas de morar, trabalhar e mover-se na cidade, e os significados que o racismo em relação aos mayas produziu em torno destas práticas, ao longo de séculos de exploração e exclusão. Meu objetivo é compreender como o racismo influencia a produção do espaço urbano de Mérida, produzindo diferentes “padrões de segregação” (Caldeira, 2011). E compreender a maneira como os mayas lidam com isso, em suas mobilizações identitárias.

This work is the result of a doctoral research in anthropology, defended in 2020, based on an ethnography carried out in Mérida, capital of the Mexican state of Yucatán. Starting from the notion of “taskscape”, by Tim Ingold, and the notion of “circuit”, by Magnani, I think about the production of urban borders and the way they relate to the issue of ethnicity. My focus is on the everyday practices of living, working and moving in the city, and the meanings that racism towards the Mayans has produced around these practices over centuries of exploitation and exclusion. My objective is to understand how racism influences the production of urban space in Mérida, producing different “patterns of segregation” (Caldeira, 2011). And understand the way the Mayans deal with it, in their identity mobilizations.

## ÍNDICE

**Keywords:** racism, Mayans in Mérida, ethnicities in an urban context

**Palavras-chave:** racismo, mayas em Mérida, etnicidades em contexto urbano

## AUTOR

**MARCOS H. B. FERREIRA**

Doutor em antropologia (2020) pelo PPGAS/UFG. Professor do IGPA/PUC Goiás. Realizou intercâmbio de doutorado no CIESAS/México (2018-2019). Coordena a pesquisa Memórias da Floresta: os cinquenta anos de Adrian Cowell na Amazônia através de imagens (IGPA/PUC Goiás).